



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**REGINALDO HUGO DA SILVA**

**O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA LEXICAL COMO FERRAMENTA DE**  
**ENSINO: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO**  
**FUNDAMENTAL II**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2023**

**REGINALDO HUGO DA SILVA**

**O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA LEXICAL COMO FERRAMENTA DE  
ENSINO: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL II**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras – como requisito de avaliação para a obtenção do título de licenciado em Letras.**

**Orientador:** Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

**CAJAZEIRAS - PB**

**2023**

S586e Silva, Reginaldo Hugo da.  
O estudo da variação linguística lexical como ferramenta de ensino:  
uma análise do livro didático do 6º ano do Ensino Fundamental II /  
Reginaldo Hugo da Silva. - Cajazeiras, 2023.  
49f.: il.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.  
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) -  
UFCG/CFP, 2023.

1. Língua portuguesa - ensino. 2. Variação linguística lexical. 3.  
Léxico. 4. Latim. 5. Livro didático. I. Pessoa, Rodrigo Bezerra. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 81'27

**REGINALDO HUGO DA SILVA**

**O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA LEXICAL COMO FERRAMENTA  
DE ENSINO: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL II**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de  
Formação de Professores da Universidade  
Federal de Campina Grande – *Campus* de  
Cajazeiras - como requisito de avaliação  
para obtenção do título de licenciado em  
Letras.**

Aprovado em: 10/02/2023

**Banca Examinadora:**



---

**Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva  
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)**



---

**Prof.ª Dr.ª Hérica Paiva Pereira  
(UAL/CFP/UFCG - Examinadora 1)**



---

**Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa  
(UAL/CFP/UFCG - Examinadora 2)**

Ao meu querido irmão, Gildo Hugo (*in memoriam*), cujo o sonho, assim como o meu, era presenciar esse momento, no entanto Deus o recolheu.

COM AMOR, **DEDICO!**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por não me deixar desistir nos momentos difíceis que passei durante a minha jornada acadêmica.

Aos meus pais, Raimundo Nonato e Geralda Soares que sempre acreditaram e fizeram de tudo para que eu conquistasse essa vitória.

Ao meu querido orientador, prof. Esp. Abdoral Inácio, pela paciência e dedicação durante a elaboração do meu projeto. Grato!

Aos meus irmãos, em especial minha querida irmã, Lauriene, por me entender tão bem e por me ajudar financeiramente todas as vezes que precisei. Grato!

Aos meus sobrinhos(as), por entenderem todas as vezes que precisei me ausentar, das festividades e conquistas. Amo vocês!

A todos os professores(as) do Centro de Formação de Professores (CFP), de modo especial ao Prof. Esp. Abdoral Inácio, a Prof.<sup>a</sup> Ma. Rozilene Lopes, ao prof. Dr. José Wanderley a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Hérica Paiva, e a Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Nazareth.

Aos colegas e amigos(as) que conquistei durante a minha formação. De forma especial, Litiely, que é uma pessoa que eu quero muito bem, e que me incentivou/incentiva a lutar pelos meus objetivos. Grato! Idianara, por todos os momentos de descontração e de companheirismo. E a todos de forma especial, não os mencionei aqui, mas que tenho respeito e carinho por eles. Grato!

## RESUMO

É sabido que a nossa língua portuguesa, desde seu surgimento até os dias atuais, vem sofrendo diversas modificações, ela surgiu do latim e faz parte do grupo das línguas neolatinas, que são: o Português, o Espanhol, o Catalão, o Italiano, o Francês, o Romeno e o Romanche. O trabalho com a variação linguística lexical em sala de aula, pelo viés da sociolinguística, que estuda a relação entre língua e sociedade, possibilita uma maior compreensão acerca dos fenômenos existentes na língua, que é o meio pelo qual se comunica ideias. O objetivo geral deste trabalho é destacar a importância de se trabalhar a variação linguística lexical no âmbito da sala de aula, mostrando a capacidade que a língua tem de evoluir de acordo com o tempo, bem como, compreender que as palavras são substituídas por outras a todo momento. Mas, mesmo elas não sendo utilizada no nosso dia a dia, não perdem o seu significado. Se pegarmos um texto, escrito há anos atrás, encontraremos palavras que já não são utilizadas com frequência no nosso meio de comunicação oral/escrita, mas que não comprometem o sentido do texto. Portanto, este trabalho tem como objetivo específico, analisar de que forma o estudo da variação lexical vem sendo trabalhada no livro didático, *Se liga na língua*, do 6º ano do ensino fundamental II, e que tem como autores Ormundo e Siniscalchi (2023). Desenvolvemos após a análise do livro, uma proposta de ensino utilizando o gênero textual sequência didática, e através dela propomos o ensino da variação linguística lexical a partir da leitura do texto. Ler o texto, debater com a turma, antes de partir para o estudo da variação linguística lexical, será uma forma de mostrar a importância de se estudar a língua e a transformação que a mesma vem sofrendo durante todo esse tempo. Para desenvolver esta pesquisa foram utilizadas as seguintes referências: Gonsalves e Basso (2010), que trabalha a história da língua; Assis (2011), História da Língua Portuguesa; Bagno (2007), gramática histórica; Koche (1997), fundamentos de metodologia da pesquisa; Schneuwly e Dolz (2004), gêneros orais e escritos na escola etc. A metodologia é de cunho bibliográfico, pois foram utilizadas matérias já publicadas como livros e artigos científicos. Através desta pesquisa tivemos a oportunidade de explorar e conhecer mais sobre o surgimento da nossa língua, bem como a variação que a mesma sofreu e que vem sofrendo ao longo de todos esses anos. Entender como se deu a construção da língua portuguesa nos possibilita desenvolver novas formas de se trabalhar com a variação linguística na perspectiva de ensino.

**Palavras-chave:** Latim. Variação Linguística. Léxico. Livro Didático. Ensino de Língua Portuguesa.

## ABSTRACT

It is well known that our Portuguese language, since its emergence until today, has undergone several modifications, it originated from Latin and is part of the neo-Latin group of languages, which are: Portuguese, Spanish, Catalan, Italian, French, Romanian and Romansh. The work with lexical linguistic variation in the classroom, through the bias of sociolinguistics, which studies the relationship between language and society, enables a greater understanding of the phenomena existing in the language, which is the means by which ideas are communicated. The general objective of this work is to highlight the importance of working on lexical language variation within the classroom, showing the ability that the language has to evolve with over time, as well as, to comprehend that words are replaced by others all the time. But, even though they are not used in our daily life, they do not lose their meaning. If we take a text, written years ago, we will find words that are not used frequently in our means of oral/written communication, but which do not compromise the meaning of the text. Therefore, this work has as specific objective, to analyse how the study of lexical variation has been worked on in a textbook, *Se liga na língua*, from the 6th grade of elementary school II, and which has as authors Ormundo e Siniscalchi (2023). We developed after the analysis of the book, a teaching proposal using the textual didactic sequence, and through it we propose the teaching of lexical linguistic variation from the reading of the text. Reading the text, debating with the class, before starting the study of lexical linguistic variation, will be a way to show the importance of studying the language and the transformation that it has been undergoing throughout the time. To develop this research, the following references were used: Gonsalves e Basso (2010), which works on the history of language; Assis (2011), History of the Portuguese Language; Bagno (2007), historical grammar; Koche (1997), fundamentals of research methodology; Schneuwly e Dolz (2004), oral and written genres at school etc. The methodology is bibliographical in nature, since we used previously published materials already such as books and scientific articles. Through this research we had the opportunity to explore and learn more about the emergence of our language, as well as the variation that it has undergone and is still undergoing throughout all these years. Understanding how the Portuguese language was built allows us to develop new ways of working with linguistic variation from a teaching perspective.

**Keyword:** Latin. Linguistic Variation. Lexicon. Textbook. Portuguese Language Teaching.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura	1	- O Império Romano: as conquistas de Otávio Augusto.....	14
Figura	2	- Guerras púnicas.....	15
Figura	3	- Mapa da península Ibérica antes da chegada dos romanos.....	23
Figura	4	- Mapa da península Ibérica depois do domínio do romano.....	24
Figura	5	- Caravela portuguesa.....	29
Figura	6	- Grandes navegações e o descobrimento do Brasil.....	31
Figura	7	- Trecho da carta escrita por Pero Vaz de Caminha.....	32
Figura	8	- Capitania Hereditária.....	33
Figura	9	- Capa do Livro Didático.....	36
Figura	10	- Sumário do Capítulo 2.....	37
Figura	11	- Verbete: Palavra que explica palavra.....	38
Figura	12	- A língua varia.....	39
Figura	13	- Variedades linguísticas.....	40
Figura	14	- Variação linguística.....	41
Figura	15	- Esquema de Sequência Didática.....	42
Quadro	1	- Sistema vocálico do latim clássico, vulgar e português.....	21
Tabela	1	- Declinações do latim clássico.....	18

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- BNCC - Base Nacional Comum Curricular
- CFP - Centro de Formação de Professores
- LC - Latim Clássico
- LD - Livro Didático
- LV - Latim Vulgar
- LP - Língua Portuguesa
- PB - Paraíba
- PI - Península Ibérica
- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
- UAL - Unidade Acadêmica de Letras
- UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 HISTÓRIA DA LÍNGUA LATINA .....</b>	<b>14</b>
2.1 LATIM CLÁSSICO E LATIM VULGAR.....	17
<b>3 O SURGIMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....</b>	<b>24</b>
3.1 A LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS FASES.....	26
3.2 A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS NO BRASIL .....	28
<b>4 A CHEGADA DOS PORTUGUESES AO BRASIL .....</b>	<b>30</b>
4.1 BNCC E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	35
<b>5 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO .....</b>	<b>37</b>
5.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA .....	43
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>48</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Durante minha jornada acadêmica fui instigado a querer aprender sempre mais sobre a nossa língua portuguesa (LP), e essa curiosidade foi algo que sempre esteve comigo. Quando me vi em um curso de licenciatura em letras, LP, tive a oportunidade de aprender e entender mais sobre a importância de nossa língua. Sempre ouvi e li em alguns livros, teóricos e estudiosos comparando a nossa língua a um organismo vivo, e isso me trouxe vários questionamentos, e um deles foi, como que nossa língua pode ser comparada a um organismo vivo? Achei estranho, só depois fui entender que essa comparação se dá pelo fato de nossa língua está sempre se modificando, ou seja, surgem novas palavras a todo momento. Essa dinamicidade faz com que algumas palavras sejam abandonadas e substituídas por outras, que são inseridas na nossa língua diariamente.

Destacar a importância de se trabalhar a variação linguística lexical no âmbito da sala de aula, bem como, a importância do surgimento da língua portuguesa no ambiente escolar, são reflexões que despertaram em mim, gerando a seguinte problemática: O livro didático (LD) do 6.º ano do ensino fundamental II trata de forma satisfatória sobre o estudo da variação lexical existente nossa língua?

Diante de tal questionamento, apresento o LD usado como base para esta pesquisa: trata-se de um livro que tem como título “se liga na língua”. Leitura, produção de texto e linguagem. Dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, da editora Moderna, 2020, 2021, 2022 e 2023. Aplicado ao 6º ano do ensino fundamental II. Onde o objetivo geral dos autores é trabalhar com os gêneros textuais, até então pouco tratado nos LD, bem como usar os textos que circulam no nosso universo digital, como *blogs*, as tirinhas de autores novos, os infográficos *etc.* Trazem ainda diversos tipos de obras de arte, mas não se restringem a tratá-los como sendo meras ilustrações, elas estão vivas, isso faz com que desperte no aluno o interesse em conhecê-las, entenda-las e até mesmo despertar neles o seu lado artístico.

A metodologia empregada é de ordem bibliográfica e que, de acordo com Koche (1997), para dominar o conhecimento disponível e utilizá-lo como base ou fundamentação na construção de um modelo teórico explicativo de um problema, isto é, como instrumento auxiliar para a construção e fundamentação de hipótese. Essa pesquisa se dá por meio de teorias trabalhadas por outros investigadores já mencionados anteriormente e utilizados ao longo da construção deste trabalho. Quanto a abordagem será qualitativa, de natureza analítica descritiva. Para Prodanov e Freitas (2013) os dados coletados nessa pesquisa são descritivos, retratando o maior número possível de elementos existentes na realidade

estudada. Preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto. Na análise dos dados coletados, não há preocupação em comprovar hipóteses previamente estabelecidas, porém, estas não eliminam a existência de um quadro teórico que direcione a coleta, a análise e a interpretação dos dados.

Quanto à estrutura do trabalho, será dividido em seis capítulos: o primeiro trata sobre a *Introdução*, nele eu faço uma apresentação do conteúdo que irei abordar, e como será abordado;

O segundo trata sobre a *História da Língua Latina*, nele podemos conhecer mais sobre a sua origem e usarei alguns mapas para facilitar a compreensão;

O terceiro capítulo, trata sobre *O Surgimento da Língua Portuguesa*;

O quarto capítulo falarei sobre *A Chegada dos Portugueses ao Brasil*; e trarei algumas considerações de acordo com Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o ensino de LP;

O quinto capítulo, trata sobre *A Análise do LD* escolhido para nortear esta pesquisa, preenchendo assim possíveis lacunas, e em seguida, deixarei minhas sugestões através de uma intervenção didática;

O sexto capítulo, tratarei sobre as minhas *Considerações Finais*.

## 2 HISTÓRIA DA LÍNGUA LATINA

Inicialmente precisamos antes, compreender mais sobre a história de nossa língua, desde sua origem, até os dias atuais. Esse conhecimento nos ajudará a abordar o assunto escolhido como proposta de trabalho de conclusão de curso, o qual já foi apresentado anteriormente na Introdução.

Se analisarmos com atenção, sempre que falamos sobre construção da LP, logo, associamos esse conhecimento ao latim, já que o português, que é a nossa língua oficial, assim como outras línguas, teve sua origem do latim. Com base nessa informação, pretendemos durante esse capítulo mostrar um pouco mais sobre a história do latim, que ainda hoje, percebemos que o mesmo está presente em diversas áreas de estudo, como: na Biologia, na Medicina, no Direito, na Filosofia, na Sociologia, na História, na Religião, na Literatura, na Escultura, na Arquitetura, na Música, no Cinema, dentre outros.

Para compreender melhor a importância do latim na atualidade. Segundo Zélia de Almeida Cardoso (2003), o estudo de uma literatura deve ser precedido de informações coletadas sobre a época de seu surgimento, logo se torna necessário ao estudo da Literatura Latina, compreender como se originou essa arte, e em que contexto sócio cultural. Como podemos observar na citação anterior, antes de iniciarmos qualquer estudo, seja em qualquer área de conhecimento, precisamos buscar informações prévias em relação a sua origem, bem como, o seu contexto histórico, já que a literatura assim como outras áreas de estudos surgiu há muitos anos atrás. Dessa forma, para se estudar a variação linguística lexical, é necessário antes contextualizar, e colocar em evidência a importância do léxico desde seu surgimento, até hoje.

Ao falarmos sobre o latim, precisamos dizer que o mesmo, pertence ao ramo itálico das línguas indo-europeias; é, portanto, um dos falares antigos que se praticavam na Península Itálica e que tem como origem o indo-europeu, a língua pré-histórica da qual deriva a maior parte das línguas da Europa e algumas da Ásia, como o grego, o alemão e o sânscrito, por exemplo. Segundo Gonsalves e Basso (2010), entre 1400 e 1000 a.C., tribos indo-europeias migraram para o centro da Itália, estabelecendo-se no Lácio, onde mais tarde (753 a.C., segundo uma antiga tradição) seria fundada Roma, principal cidade latina. Fortalecida, Roma iniciou sua política de expansão: conquistando, a princípio, a península, chegou a estender seu domínio a grande parte da Europa, norte da África e parte da Ásia. O mapa a seguir mostra a extensão máxima que alcançou o Império Romano.

**Figura 1 - O Império Romano: as conquistas de Otávio Augusto**



Fonte: Google Imagens (2022).<sup>1</sup>

Os romanos, estabelecendo-se nas regiões que conquistavam, levavam para lá a sua língua e a sua cultura. O latim foi sendo imposto a partir do século III a.C. às comunidades das regiões conquistadas como língua de comércio e de cultura, nas quais coexistiam com as originais línguas desses povos.

Segundo Gonçalves e Basso (2010), a partir do século III a.C., o império romano expandiu o seu território, conquistando as regiões do Oriente e do Ocidente da Itália. Com a expansão e dominação românica na Península Itálica, a língua latina também se expandiu, passando a dominar outras regiões. E foi nesse percurso de dominação territorial que o latim deu origem às línguas neolatinas: o Português, Espanhol, Catalão, Italiano, Francês, Romeno e Romanche.

A política romana, essa sempre admitiu o bilinguismo ou mesmo o multilíngüístico em seus territórios. O latim praticado nas províncias, porém, não era o latim clássico (LC), língua extremamente polida e regrada, da qual se valiam os autores clássicos como Cícero, Virgílio, Ovídio Horácio *etc.* Mas o latim vulgar (LV), língua viva, de comunicação cotidiana dos

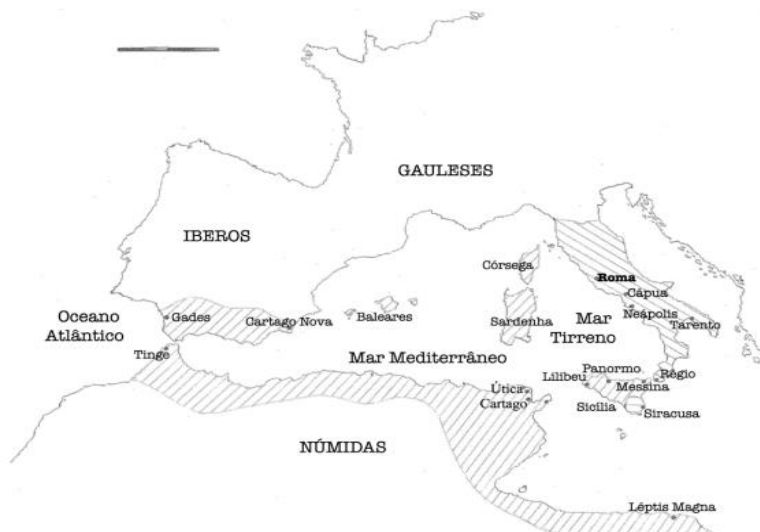
<sup>1</sup> Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=Mapa+%E2%80%93+O+Imp%C3%A9rio+Romano:+as+conquistas+de+Ot%C3%A1vio+Augusto.&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKewj1jd2a5Jb4AhUEBbkGHXxVDO4QAUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=635&dpr=1#imgrc=MojEw3QZFaaW9M> Acesso em: 05 Jun. 2022.

cidadãos romanos. Como a expansão do Império Romano não foi imediata, tendo levado cerca de cinco séculos para se completar, o latim que se levou às primeiras regiões conquistadas diferia do latim levado às últimas, e esse fato explica em parte diferenças entre alguns romances .

De acordo com Gonçalves e Basso (2010), a expansão românica aconteceu de duas formas, interiormente e exteriormente. No interior, o império romano se expandiu através da conquista da Península Itálica, mas o crescimento do império foi além do interior da Itália. A ampliação das conquistas aconteceu também exteriormente, visto que o império buscava conquistar a bacia do mar mediterrâneo, porém, os romanos encontraram resistência no seu percurso de expansão. As “Guerras Púnicas” opuseram Roma a Cartago (cidade do Norte de África fundada por fenícios, a quem os Romanos chamavam Poeni) e configuraram uma disputa cerrada pelo domínio do mar Mediterrâneo. Geralmente, divide-se este confronto como sendo um dos mais prolongados do mundo antigo, sendo esse dividido em três etapas: a Primeira Guerra Púnica, ocorreu entre 264 e 241 a.C. e centrou-se sobretudo na Sicília; a Segunda Guerra Púnica, a mais espetacular de todas, associada à figura do lendário general cartaginês Aníbal Barca e se deu entre os anos 218 e 201 a.C. tendo a Itália como palco principal, e por fim, a Terceira Guerra Púnica circunscreveu-se a uma pequena região do Norte de África, tendo demorado apenas três anos e ocorreu entre os anos de 149 a 146 a.C.

**Figura 2 – Guerras púnicas**



Fonte: *Google Imagens* (2022).<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Disponível em:

[https://www.google.com/search?q=Guerras+P%C3%BAnicas+%E2%80%91+por+F%C3%A1bio+Mordomo&xsrf=ALiCzsbFk0ue2ZGJcIK1u95ph9a2g\\_ufdg:1665613119298&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUK\\_Ewj17uy3Nv6AhW8qJUCHfELDVcQ\\_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=635&dpr=1](https://www.google.com/search?q=Guerras+P%C3%BAnicas+%E2%80%91+por+F%C3%A1bio+Mordomo&xsrf=ALiCzsbFk0ue2ZGJcIK1u95ph9a2g_ufdg:1665613119298&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUK_Ewj17uy3Nv6AhW8qJUCHfELDVcQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=635&dpr=1). Acesso em: 12 out. 2022.



## 2.1 LATIM CLÁSSICO E LATIM VULGAR

A língua latina, como processo de transformação. Por ser considerada viva, a língua apresentava variações em seu léxico, dessas variações destacamos o latim clássico e o LV. Ambos têm a sua origem no latim arcaico, mas com o processo de expansão e de uso, a língua passou por mudanças e variações, o que ocasionou a diferenciação no seu vocabulário. Como destaca Cardoso (s.d., p. 164):

o léxico é o subsistema da língua mais dinâmico, porque é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo, e por isso é nele que se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas.

Como destaca Cardoso, o léxico de uma língua permite alterações linguísticas dinâmicas, que estão relacionadas diretamente com o seu contexto de uso, esses contextos podem ser o social, político e histórico que vão se modificando com o passar do tempo no que se refere ao léxico de uma língua.

O que aconteceu no latim foi justamente esse processo de transformação devido ao seu contexto de caráter usual. No livro “História da língua” Gonçalves e Basso (2010) afirmam que a língua teve sua origem no latim arcaico, no qual os seus primeiros registros foram encontrados por volta de VII a.C. Um dos exemplos da língua latina arcaica é a tradução do poema épico Odisseia, de Homero, do grego para o latim, que narra a epopeia de Ulisses, feita pelo escravo grego, Lívio Andrônico por volta do século III a.C. Nesse período, o latim ainda não estava aprimorado, como estaria na forma lexical do LC que durou do primeiro século a.C., até o começo da era cristã. O latim possuía duas modalidades, a primeira abordava o latim clássico e a segunda o LV, a primeira estava relacionada com a escrita e era usada pelas pessoas letradas; a segunda era utilizada pela plebe, e era voltada para a oralidade. A partir da forma arcaica da língua latina, surgiram novas variações e mudanças no seu léxico.

Dessa forma, William Labov no livro Padrões Sociolinguísticos, analisa que:

a maioria dessas variações ocorre apenas uma vez e se extinguem tão rapidamente quanto surgem. No entanto, algumas são recorrentes e, numa segunda etapa, podem ser imitadas mais ou menos extensamente, e podem se difundir a ponto de formas novas entrarem em contraste com as formas mais antigas num amplo espectro de usos. Por fim, numa etapa posterior, uma ou outra das duas formas geralmente triunfa, e a regularidade é alcançada (LABOV, 2008, p. 20).

LABOV, na citação anterior, fala sobre o processo de variação existente em uma língua, e que está pode acarretar mudanças bastante considerável a longo prazo. O que houve durante a expansão da língua latina, foi algo idêntico ao que foi citado por Labov (2008), já que o avanço territorial do império romano, por toda Península Itálica, indo além da região do Lácio, teve como principal consequência, o avanço do idioma latino. Com esse avanço, as línguas faladas nas regiões não pertencentes ao império romano, foram perdendo espaços e consequentemente se modificando, e o latim tornando-se a língua principal nessas regiões.

O contato com outros idiomas foi bastante importante para a evolução da língua latina, isso se dá pelo fato que a nossa língua é heterogênea, e essa heterogeneidade se explica quando utilizamos a nossa língua em diversos contextos de uso, sendo eles históricos ou sociais.

A língua latina possui algumas variedades no seu léxico, essas variações são provenientes do percurso expansionista e de uso do idioma por falantes distintos e em contextos diversos.

O LC é um exemplo de variação da norma culta do latim. Essa variação tem como característica a formalidade da língua latina, estando relacionada diretamente com a modalidade escrita e com a literatura daquela época. Assim como, afirma Cardoso (s/d), a forma clássica pertencia a um determinado grupo da sociedade, os patrícios, estes faziam parte dos povos mais antigos e que pertenciam a grupos sociais importantes, que possuíam raízes no latim arcaico, desde a pequena cidade do Lácio. Usado de forma mais erudita, o latim clássico representava uma parte da sociedade bem mais privilegiada naquela época.

Dessa forma, Martins, no seu livro “Configuracionalidade” em LC e LV, destaca que:

[...] o latim clássico pode ser caracterizado (i. e., descrito) como língua que apresenta propriedades que se relacionam às línguas de tipologias não-configuracional [...]. Trata-se de um trabalho de natureza sintática e, por isso, a apresentação da literatura tradicional restringir-se-á forma como são caracterizadas as propriedades sintáticas do latim que propomos como ligadas à não-configuracionalidade (MARTINS, 2002, p. 18).

Assim, a autora destaca que o LC é de tipologia não configuracional, sendo que essa configuracionalidade destacada por ela, está relacionada a construção sintática das frases e orações na língua latina. No português é preferível que os termos fiquem em ordem, para que não comprometa o sentido da oração. Assim, sempre que vamos construir uma frase, é importante que ela esteja na seguinte ordem: sujeito, verbo e complemento. Se alterarmos essa ordem, podemos comprometer o sentido da frase e dificultar a comunicação, isso sem falar que a língua portuguesa não aceita outra ordem. No LC acontece totalmente diferente, pois o que

indica a função sintática não é a posição e sim, as declinações correspondente a cada caso, nas construções sintáticas das orações, por isso os termos são livres. Na frase “*Hominem Deus diligit*” observe que na construção latina o sujeito é Deus e o homem o objetivo, seja qual for a organização sintática.

O LC por possuir como principal característica a utilização de termos livres é considerado como sendo uma língua sintática, sendo assim, o que define verdadeiramente as funções sintáticas dos termos eram as suas desinências. Dessa forma, Marcos Bagno destaca que:

o latim clássico era uma língua sintética, isto é, exprimia as funções sintáticas das palavras por meio de desinências, ao passo que já o latim vulgar e as línguas românicas são analíticas, isto é, exprimem as funções sintáticas das palavras mediante a ordem destas no sintagma e pelo uso de elementos como artigos e preposições (BAGNO, 2007, p. 28).

Como podemos observar na citação anterior, Bagno afirma que as desinências eram as principais responsáveis por indicar a função sintática que cada termo exercia dentro do sintagma. No LC, existiam seis casos e esses apontavam a função sintática que cada termo exercia em determinada colocação. A tabela a seguir, mostrará de forma mais clara esses casos que são:

**Tabela 1** - Declinações do latim clássico

Declinationes (sg.)								
Caso	1 f.	2 m.	2 n.	3 m./f.	3 n.	4 m.	4 n.	5 f.
Nom.	-a	-us	-um	-?	-?	-us	-u	-es
Voc.	-a	-e	-um	-?	-?	-us	-u	-es
Acc.	-am	-um	-um	-em	-?	-um	-u	-em
Gen.	-ae	-i	-i	-is	-is	-us	-us	-ei
Dat.	-ae	-o	-o	-i	-i	-ui	-u	-ei
Abl.	-a	-o	-o	-e	-e	-u	-u	-e

Fonte: *Google* Imagens (2023).<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Disponível em:

[https://www.google.com/search?q=declina%C3%A7%C3%B5es+do+latim+classico&sxsrf=ALiCzsb7Na7XpedJJaWI4hzQmSCB2YHcju:1668551883942&source=inms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKewjSqdOSoLH7AhUglbkGHaUyDIYO\\_AUoAnoECAIQBA&biw=1366&bih=635&dpr=1#imgrc=1zZoFbtfz2\\_KEM](https://www.google.com/search?q=declina%C3%A7%C3%B5es+do+latim+classico&sxsrf=ALiCzsb7Na7XpedJJaWI4hzQmSCB2YHcju:1668551883942&source=inms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKewjSqdOSoLH7AhUglbkGHaUyDIYO_AUoAnoECAIQBA&biw=1366&bih=635&dpr=1#imgrc=1zZoFbtfz2_KEM). Acesso em: 15 nov. 2022.

Na tabela acima, podemos observar as declinações e em que caso elas acontecem em latim. Assim, para identificar a que declinação cada palavra pertence, devemos ficar atento em relação a sua terminação. Só assim, conseguiremos relacionar a qual caso elas pertencem.

Com relação ao léxico do LC, esse tinha como principal característica a riqueza estilística, riqueza essa que se remetia a uma parte da população romana mais erudita que difere do LV, é importante salientar que era o mesmo latim só que possuía variações diferentes, sendo está uma variante que estava mais próxima da população em geral e da oralidade.

O LV é a variação que mais se aproxima da construção do léxico da LP, através dela e de suas características que surgiram as línguas românicas. Podemos destacar algumas características que são: aspecto informal, era a língua usada pela plebe, dentre eles, os escravos e era a língua que as regiões que se tornaram de dominância romana utilizavam. Outro ponto que merece destaque é que essa língua estava diretamente associada a oralidade, ou seja, a língua utilizada diariamente no uso real de comunicação.

O LV e o LC, ambos se diferenciam de acordo com seus aspectos sociais e não em relação ao seu período histórico. O LC e o LV eram usados por diferentes partes da população romana, seja ela nativas do Lácio ou de territórios conquistados. Na citação a seguir, Martins (s.d., p. 18) classifica o LV da seguinte forma:

Chama-se latim vulgar ao latim de que derivaram as línguas românicas em oposição ao latim dos textos literários que a Antigüidade (sic) nos transmitiu, chamado latim clássico. Embora o latim vulgar fosse essencialmente falado, muitas de suas peculiaridades podiam entrever-se nos próprios textos literários de Roma.

Segundo Martins, o LV mesmo que fosse a língua mais recorrente, também esteve presente na literatura. A língua usada pela população naquela época era observada pelos escritores sendo ela empregada e classificada como língua regional. Na escrita, poderíamos encontrar o LV em cartas e nos textos satíricos, isso por admitirem o uso da variação vulgar nas suas construções. Cícero, grande filósofo e escritor do LC, utilizava a LV para escrever as suas cartas íntimas, de modo informal.

Segundo Cardoso(s/d), a variação vulgar da língua latina sempre existiu, desde os primórdios as variações perduram de acordo com o espaço geográfico a posição social e entre outros fatores que possibilitam a modificação do léxico. Sobre o seu aspecto geográfico, chegamos à conclusão que o processo de dominação da Península Itálica pelos romanos, que as regiões que foram dominadas, elas já possuíam a sua própria língua, mas através do contato

diário com o latim, elas foram perdendo espaço e tornando-se assim, a língua dominante. O contato com a língua latina e seus dialetos, resultou na variação da língua latina. No intelecto da variação social, compreendemos que o mesmo se dá por meio dos aspectos sociais, políticos e também educacionais, interferindo de forma direta na construção do idioma, isso se dá por conta da posição social ocupada por cada corpo social.

O LV era uma espécie de representação linguística da sociedade romana e das classes menos privilegiada. Por ser um idioma utilizado por um povo, em sua maioria analfabetos, segundo Cardoso (s/d), o LV não se apegava às regras gramaticais e não tinha preocupação com a estilística que o LC prezava. E foi justamente esse léxico cotidiano o principal responsável pelo surgimento das línguas românicas. Como podemos observar na citação anterior, enquanto o LV era totalmente livre, em relação as normas gramaticais, tanto na modalidade escrita, como na oral, a outra, o LC, exigia de seus usuários um rigor mais formal.

O LV era considerado naquela época uma língua analítica. De acordo com Marcos Bagno (2007) por ser analítica, entendemos que no LV o critério para definir as funções sintáticas das palavras era a organização delas dentro do sintagma e não mais as desinências. Podemos usar como exemplo a palavra *Petrum* (peter), se empregada no sintagma, isso de acordo com o LC, devemos observar a sua declinação para indicar a qual caso ela pertencia. Já no caso do LV, é preciso observar a posição, para só assim designar a sua função sintática. Essa forma de análise é que prevaleceu no português.

Se no LC eram cinco declinações e seis casos, na forma do LV, os casos foram simplificados, restando apenas os casos nominativo e o acusativo que representavam o sujeito e o complemento. As declinações também sofreram alterações, no LC, eram cinco, no vulgar passaram a ser três e depois duas.

Mesmo o LC e o LV fazendo parte da mesma língua, ambos se diferenciavam em diversos aspectos, o LV era uma língua mais expressiva, isso por ser mais falado e também ser mais concreto, já que era de uso efetivo da população. As diferenças eram recorrentes tanto na fonética, na morfologia, na sintaxe e no léxico, já que essas variações faziam parte de espaços culturais e sociais distintos.

Na fonética a diferença principal que podemos observar foi a redução das vogais, essa mudança está relacionada com o timbre. Segundo Assis (2011) enquanto no LC eram cinco vogais, e elas poderiam ser longas ou breves, no LV as vogais perderam essas características e passaram a ser incorporadas e analisadas com relação ao timbre.

O quadro abaixo apresenta essa transformação fonética do clássico para o vulgar.

**Quadro 1** – Sistema vocálico do latim clássico, vulgar e português

Latim clássico	Latim Vulgar	Português
<i>a</i> (longo) e <i>a</i> (breve)	<i>a</i>	<b>a</b>
<i>e</i> (longo)	<i>e</i> (aberto)	<b>é</b>
<i>e</i> (breve) e <i>i</i> (longo)	<i>e</i> (fechado)	<b>ê</b>
<i>i</i> (breve)	<i>i</i>	<b>i</b>
<i>o</i> (longo)	<i>o</i> (aberto)	<b>ó</b>
<i>o</i> (breve) e <i>u</i> (longo)	<i>o</i> (fechado)	<b>ô</b>
<i>u</i> (breve)	<i>u</i>	<b>u</b>
10 vogais	7 vogais	7 vogais

Fonte – Google Imagens (2022).<sup>4</sup>

No Quadro 1, é possível notarmos com clareza como se deu a transição das vogais longas e breves do LC para a característica do timbre do LV. Observamos ainda que o sistema vocálico da LP possui uma semelhança mais com o LV do que com o LC.

Na morfologia, a grande mudança foi a redução das declinações, como eu já havia destacado anteriormente. O LC possuía cinco declinações e no LV passou a ser apenas duas.

Já em relação à sintaxe, a oposição entre as formas clássicas e vulgar configura a organização dos termos do sintagma. O LC tinha a ordem livre, já o LV tinha que obedecer a uma organização sistematizada entre sujeito e complemento.

Com relação ao léxico, podemos observar que a mudança está relacionada com a língua em uso, enquanto o LC tinha uma linguagem mais elaborada, o LV era mais voltado para a linguagem em uso. Podemos usar como exemplo a palavra “cavalo”, no LC era falado “*equus*” que significava para eles cavalo de montaria, no LV eles pronunciavam “*caballus*” que segundo eles significava cavalo de lavoura, que é um animal que junto com o seu dono, prepara a terra para o plantio, em geral eram dóceis.

É importante destacar que essas diferenças estão relacionadas diretamente com a evolução da língua, ambos os latins, clássico e vulgar, já existiam desde a origem do idioma latino, mas as constantes evoluções dos falantes contribuíram bastante para que o léxico da língua latina evoluísse cada vez mais. Compreender todo esse processo de evolução é de extrema importância para entendermos como ocorreu a construção da LP.

<sup>4</sup> Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=transforma%C3%A7%C3%A3o+fon%C3%A9tica+do+cl%C3%A1ssico+para+o+vulgar>. Acesso em 29 nov. 2022.

Nesse capítulo que aqui encerramos, conseguimos conhecer mais sobre o LC e o LV, e através desse conhecimento, chegamos à conclusão que o latim vulgar possui uma semelhança mais próxima da LP, principalmente em relação ao léxico, oriundo do caso acusativo, isso porque a maioria das palavras portuguesas vieram do caso. Podemos destacar outra característica importante que é o fato de o latim abordar além dos gêneros feminino/masculino, o terceiro gênero, o neutro, gênero esse que na criação da LP parou de existir, permanecendo apenas os gêneros masculino e feminino. Entender o processo de evolução da língua, nos ajuda a compreender bem mais sobre o léxico da LP.

### 3 O SURGIMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA

De acordo com Guimarães (2005) A LP tornou-se como língua específica, na Europa, pelas transformações que o latim sofreu na Península Ibérica (PI) durante o processo de contato entre povos e línguas na PI, ocorrido com a chegada dos romanos no século II a.C., durante a Segunda Guerra Púnica, no ano de 218 a.C.

Uma explicação interessante é colocada por Assis (2011) onde coloca a LP como pertencente ao grupo de línguas semelhantes ao latim, também chamado de neolatino. E que esse seria o resultado de mudanças no LV, que se deslocou para a PI. O latim teve origem na Itália, uma pequena região às margens do rio Tibre chamada Lácio, e foi levado pelas legiões para a PI.

Antes do estabelecimento do domínio romano, a península era habitada por muitas pessoas e tinha uma língua e cultura muito diversificadas. Naquela época, havia dois estratos muito diferentes da população. Ibérico, o mais antigo e celta o mais novo. O centro da expansão celta estava na Gália. Muito poucas línguas pré-romanas permanecem porque outros povos se estabeleceram no PI, a saber: ibéricos, celtas, fenícios, gregos e cartagineses (ASSIS, 2011).

**Figura 3** – Mapa da península Ibérica antes da chegada dos romanos



Fonte: Google Imagens (2022).<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Disponível em:

[https://www.google.com/search?q=mapa+da+pen%C3%ADsula+Ib%C3%A9rica+antes+da+chegada+dos+romanos&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKEwie1NudwPD8AhVGHbkGHR0WASgQ\\_AUoAXoEC AE QAw&biw=1366&bih=578&dpr=1](https://www.google.com/search?q=mapa+da+pen%C3%ADsula+Ib%C3%A9rica+antes+da+chegada+dos+romanos&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKEwie1NudwPD8AhVGHbkGHR0WASgQ_AUoAXoEC AE QAw&biw=1366&bih=578&dpr=1). Acesso em: 28 fev. 2022.



De acordo do Assis (2011) os romanos habilmente plantaram sua civilização na PI e mudaram o mínimo possível as unidades territoriais encontradas. Além disso, organizaram o comércio e o serviço postal; prestaram serviço militar e construíram escolas. O latim, concebido como a língua oficial dos negócios, atividades oficiais, passou a funcionar como portador de uma cultura mais avançada. Assim, a língua e os costumes romanos foram gradualmente assimilados, de modo que a PI chegou ao século IV d.C. totalmente latinizado, ou seja, politicamente pertencia ao Império Romano e linguisticamente romano - latim.

Guimarães (2005) ressalta que na PI, o latim entrou em contato com as línguas que ali já existiam. Então o contato do latim com as línguas germânicas já mudou durante a permanência desses povos na península 09-711 d.C. Depois, com a invasão islâmica (árabes e berberes), aquele latim modificado, que já estava em divisão, entrou em contato com o árabe passando por mais uma modificação.

**Figura 4 - Mapa da península Ibérica depois do domínio romano**



Fonte: Google Imagens (2022).<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Disponível em:

[https://www.google.com/search?q=mapa+da+pen%C3%ADnsula+Ib%C3%A9rica+depois+do+dom%C3%ADnio+romano.+pdf&sxsrf=ALiCzsZ\\_l8UZJNZKLtkJ8YzpVNAcFeCE3Q%3A1662583874235&ei=OgOZY76KDpTY5OUPj-6WqAQ&ved=0ahUKewi-s-7Jx4P6AhUULLkGHQ-3BUUQ4dUDCA8&ua=ct=5&oq=mapa+da+pen%C3%ADnsula+Ib%C3%A9rica+depois+do+dom%C3%ADnio+romano.+pdf&gs\\_lcp=Cgdnd3Mtd2l6EAMyBwgAEB4QogOyBOgAEKIEMgUIABCiBDoKC AAQRxDWBB CwAzoECCMQJ0oECEEYAEoECEYYAFDmGljoY2DqcWgDcAF4AIAB8OGIAZgPk gEFMC4xLjiYAQCgAQHIAQjAAQE&scient=gws-wiz#imgrc=pQY2nKNgJD0VxM](https://www.google.com/search?q=mapa+da+pen%C3%ADnsula+Ib%C3%A9rica+depois+do+dom%C3%ADnio+romano.+pdf&sxsrf=ALiCzsZ_l8UZJNZKLtkJ8YzpVNAcFeCE3Q%3A1662583874235&ei=OgOZY76KDpTY5OUPj-6WqAQ&ved=0ahUKewi-s-7Jx4P6AhUULLkGHQ-3BUUQ4dUDCA8&ua=ct=5&oq=mapa+da+pen%C3%ADnsula+Ib%C3%A9rica+depois+do+dom%C3%ADnio+romano.+pdf&gs_lcp=Cgdnd3Mtd2l6EAMyBwgAEB4QogOyBOgAEKIEMgUIABCiBDoKC AAQRxDWBB CwAzoECCMQJ0oECEEYAEoECEYYAFDmGljoY2DqcWgDcAF4AIAB8OGIAZgPk gEFMC4xLjiYAQCgAQHIAQjAAQE&scient=gws-wiz#imgrc=pQY2nKNgJD0VxM). Acesso em: 07 set. 2022.

Guimarães (2005) coloca ainda que na primeira fase do processo de reconquista da PI pelos cristãos, que resistiam no Norte, a língua românica (língua latina, modificada por anos de contato com outros povos e línguas) adquiriu um carácter distintivo na parte ocidental da a península, formando o galego-português e depois português. Ao mesmo tempo, nasceu o Condado Portugalense e o novo país de Portugal.

Salces (2016) traz de uma maneira didática, colocações que nos fazem entender melhor como ocorreu toda essa mudança da LP ao longo do tempo, dividir sua história em períodos ou fases é uma importante ferramenta. No entanto, deve-se levar em conta a dificuldade de determinar a data exata da confirmação da mudança de idioma, pois as mudanças são lentas e graduais. Muitos autores propuseram uma periodização das línguas.

Salces (2016) ainda coloca que de um ponto de vista, os autores reconhecem uma fase arcaica, uma fase clássica e uma fase moderna ou contemporânea na história da língua. Segundo Ilari e Basso (2009, p. 20), todos esses autores "concordariam em classificar de Machado de Assis e Eça de Queiroz, as primeiras Cantigas dos Trovadores, e de Os Lusíadas na fase clássica". Então exatamente nesse consenso começamos a estudar períodos arcaico, clássico e moderno.

### 3.1 A LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS FASES

Conforme a história mudou, Portugal expandiu seu território por meio de guerras contra invasores árabes, apoiados pela Igreja Católica Romana. Com a conquista de Faro em 1249, a expansão territorial continuou para sul, e com a conquista do Algarve foram definidas as atuais fronteiras de Portugal. À medida que o território português continuava a expandir-se para o sul, as propriedades foram povoadas por imigrantes do norte que falavam o português-galego. (BOAS; HUNHOFF, 2014)

De acordo com Boas e Hunhoff (2014) o galego-português também era conhecido como português antigo e foi estabelecido como língua falada e escrita na Lusitânia. A diferença entre o galego e Português começou com a independência portuguesa em 1185, a expulsão dos mouros em 1249 e a derrota dos castelhanos em 1385. O galego foi ocupado por castelhano e o português, passou cada vez mais a se tornar a língua oficial de Portugal.

As primeiras palavras portuguesas que conhecemos surgem por volta do século IX e estão escritas em ferramentas, documentos e/ou monumentos, mas o primeiro documento real

e datado escrito em português é o "Testamento de D. Afonso II" (XIII - um século) (BOAS; HUNHOFF, 2014).

O período Arcaico do português é marcado pelos primeiros registros escritos, no século XII, e estende-se até meados do século XIV (é bom ficarmos atentos, que essas datas são apenas estimativas). Vários estudiosos dividem esse período na primeira e na segunda fases. O que é considerado a primeira etapa do português antigo é conhecido como galego-português. Esta língua coincide com a criação do Reino de Portugal. Além de ter sido adotado pelos muçulmanos que permaneceram na Península, também outros grupos que migraram de norte a sul, ocupando as terras abandonadas pelos árabes, também o adotaram (SALCES, 2016).

Os estudos da colocam alguns textos originários dessa época como sendo os primeiros gêneros do português, pertencente a primeira fase, a exemplo. O Testamento de Afonso II (de 1214), que possui várias versões, a Notícia de Torto (datado entre 1211 e 1216) e a Notícia de Fiadores, de 1175, são exemplos dos primeiros documentos escritos de que se tem notícia do período (SALCES, 2016).

A poesia trovadoresca galego-portuguesa foi a expressão literária mais representativa da época. O trovador floresceu na literatura da poesia lírica reunida nos cancioneiros: Cancioneiro da Ajuda, Cancioneiro da Vaticana, Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa. Eles se enquadram em três categorias de poesia: (1) cantigas de amor de inspiração provençal, nas quais um homem fala; (2) as cantigas de amigo mais populares, onde a mulher fala e (3) cantigas de escárnio de maldizer, poemas satíricos (SALCES, 2016).

Comparando o português antigo com o português clássico, este último parece muito mais familiar. Por que isso está acontecendo? Durante este período, algumas mudanças significativas foram feitas no vocabulário e na sintaxe da linguagem. Neste século foi escrita a primeira gramática portuguesa. A primeira gramática da LP que foi escrita por Fernão de Oliveira em 1536. Uma segunda gramática da LP data de 1540 e foi escrita por João de Barros. A língua também foi regulamentada pelo intelectual português nesse período. Eles finalmente escolheram uma forma de linguagem da Idade Média que já estava em uso naquela época. Eles "enriqueceram a língua" em um latim clássico (SALCES, 2016).

O acontecimento literário mais relevante na transição para o português moderno foi Os Lusíadas (1572), publicado por Luís Vaz de Camões, é considerado a verdadeira epopeia nacional de Portugal. É uma obra que apresenta a aventura, a resistência às adversidades, as qualidades das artes marciais, o heroísmo e todas as grandes virtudes da nação portuguesa. O tema do poema é a própria história de Portugal de anos, rica em episódios e momentos dramáticos. O protagonista são os próprios portugueses (SALCES, 2016).

A língua entra em sua fase moderna no século XVI com o surgimento das primeiras gramáticas definindo a morfologia e a sintaxe do português. Em *Os Lusíadas*, o português já se aproxima muito do português moderno, tanto na estrutura das frases quanto na morfologia. Desde então, a linguagem sofreu pequenas alterações. De 1580 a 1640, quando Portugal era governado pelo trono espanhol, os portugueses absorveram o castelhano. No século XVIII, devido à influência francesa, o português metropolitano divergiu do que se falava nas colônias (SALCES, 2016).

### 3.2 A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS NO BRASIL

O primeiro grupo de jesuítas chegou à Colônia brasileira em 1549, a fim de catequizar os povos indígenas, até 1759 quando eles foram expulsos de Portugal e de suas colônias pelo Marquês de Pombal. segundo Basso (2010, p. 129) “o nheengatu foi a língua usada pelos jesuítas para a catequese e também pelos portugueses na conquista e nas relações com os habitantes do Norte do Brasil”. Na mesma época em que desembarcou o Governador geral Tomé de Sousa. Eram chefiados pelo padre Manuel da Nóbrega, que se tornou o primeiro Provincial com a fundação da província jesuítica brasileira em 1553, permanecendo no cargo entre 1549-1559 e sendo substituído por Luís de Grã (1559-69).

Em agosto de 1549, o padre Manuel da Nóbrega e seus companheiros da Companhia de Jesus fundaram na Bahia, a primeira “escola de ler e escrever” brasileira.

Portugal, que até então vivera imerso na atmosfera medieval e ocupado com as intermináveis guerras santas contra os invasores mouriscos e guerras defensivas contra os espanhóis, começava apenas a despertar para a nova cultura da Renascença. Sem tradições educativas, o seu sistema escolar começava a esboçar-se mui vagamente apenas. O analfabetismo dominava não somente as massas populares e a pequena burguesia, mas se estendia até a alta nobreza e família real. Saber ler e escrever era privilégio de poucos, na maioria confinados à classe sacerdotal e à alta administração pública. É bem verdade que os mosteiros e as catedrais eram quase que os únicos asilos das letras, tanto sagradas como profanas; mas sua atuação era modesta e restrita à satisfação de suas necessidades internas; não tinham a consciência de estar cumprindo uma missão social (MATTOS, 1958, p. 37-38).

O autor explica na citação acima que até então Portugal imerso na atmosfera da Idade Média, preocupado em intermináveis cruzadas contra os invasores mouros e em guerras

defensivas contra os espanhóis, Portugal começava a despertar para a nova cultura do Renascimento, que não tinha ambições voltadas para quesitos educacionais.

O analfabetismo não só dominava as massas e a pequena burguesia, mas também se estendia à nobreza e à família real. A alfabetização era um privilégio para a minoria, confinada principalmente aos escalões sacerdotais e aos altos magistrados. Verdade que apenas os mosteiros e as catedrais eram o único refúgio das letras, tanto sagradas como profanas. No entanto, suas atividades eram humildes e limitadas a satisfazer suas necessidades interiores. Eles desconheciam que cumpriam uma missão social.

Notamos que a língua portuguesa passou e continuará passando por diversas mudanças e processos no decorrer dos anos, e devemos ver essas evoluções como pontos positivos para aprendermos muito sobre essa língua que cada vez mais nos revela surpresas que elevam nossos estudos como pesquisadores para um novo patamar. No próximo capítulo continuaremos com mais descobertas sobre como ocorreu de fato a introdução da LP em nosso país.

#### 4 A CHEGADA DOS PORTUGUESES AO BRASIL

Durante muito tempo ouvimos na escola que quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral, para que essa dúvida seja sanada vamos falar a seguir sobre as grandes navegações e a chegada dos portugueses ao Brasil. Até o século XV pouco se sabia a respeito dos oceanos e da geografia daquela terra até então desconhecida. As informações que os europeus ouviam dos gregos eram imprecisas e povoadas de lendas e histórias religiosas. Somavam-se às histórias transmitidas pelos gregos, aquelas que os próprios europeus inventavam, das quais a religiosidade cristã estava sempre muito presente.

O que se sabia até então era que a Terra estava dividida em três partes, (Europa, Ásia e África), que estavam separadas por mares estreitos e pelos rios Ganges, Eufrates, Tigre e Nilo. Dessa forma, apesar de o oceano exercer fascínio sobre os europeus, eles restringiam suas viagens marítimas a regiões que ficavam próximas ao litoral. Contudo, não era apenas o medo que os europeus tinham do oceano que os impedia de viajar por ele, havia também o problema de que eles não possuíam instrumentos de navegação nem embarcações que lhes dessem maior segurança para se afastarem do litoral. Na figura a seguir, podemos ver um exemplo de como eram as embarcações.

**Figura 5 - Caravela portuguesa**



Fonte: Imagem Google (2022).<sup>7</sup>

A pesar do medo que o oceano provocava e das dificuldades que eles possuíam, uma delas era a dificuldade técnica de enfrentar o mar, só nos fins do século XV, os europeus

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/asgrandesnavegacoeseodescobrimentodobrasil.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2022.

conseguiram desvendar seus mistérios, movidos por questões econômicas, políticas, religiosas, e até mesmo pelo fascínio que ele despertava. O que permitiu as grandes viagens marítimas, nesse período, foi o desenvolvimento dos instrumentos de navegação, a criação de embarcações mais resistentes e modernas, os incentivos e investimentos financeiros e também a disposição dos navegadores para viajar.

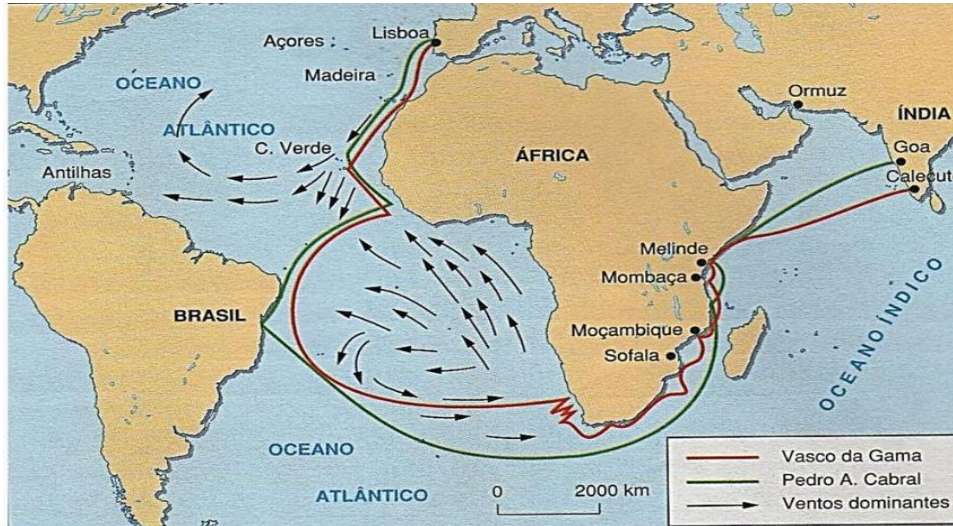
Uma vez que os navegadores europeus contavam com equipamentos mais seguros, com financiamentos e com motivações bastante fortes, eles partiram para as grandes viagens que lhes revelaram um mundo bastante diversificado daquele que a geografia dizia até então. Uma das principais motivações era chegar até as Índias, pois corria pela Europa a notícia de que naquela região havia abundância de ouro, marfim, pimenta e escravos. Esses produtos eram imensamente valorizados pelos europeus naquela época. Ter acesso a essa diversidade de produtos significava para eles a possibilidade de enriquecimento. Apesar disso, a busca por riquezas não era o único motivo das viagens pelo oceano. Os europeus, que eram profundamente religiosos, acreditavam que deviam levar a fé cristã a todos os lugares, convertendo, assim, os povos infiéis. Também era interessante aos governos europeus o fato de que conquistar regiões novas significava aumentar suas posses e assim o seu poder e importância junto aos demais países europeus.

Os portugueses foram os primeiros a se aventurarem pelo oceano Atlântico, movidos pelos interesses correntes na época. Enquanto a maior parte da Europa se encontrava, no século XV, dividida em várias pequenas regiões rivais entre si, Portugal já era um reino unificado desde o século XII, o que possibilitou seu crescimento e desenvolvimento. Esses antecedentes do reino português, somados ao aprimoramento dos instrumentos de navegação e ao fato de existir uma população portuária enriquecida e com desejo de expandir seu comércio, permitiram aos portugueses empreender grandes viagens pelo oceano. A Espanha também empreendeu, nesse período, grandes viagens, e, numa delas, Cristóvão Colombo chegou às terras de um continente, que era desconhecido por todos até então. Tais terras, que posteriormente receberam o nome de continente Americano, constituíam um Novo Mundo, totalmente diferente daquele que era conhecido pelos europeus.

A conquista de Ceuta, um grande centro comercial muçulmano situado no norte da África, pelos portugueses, em 1415, foi o primeiro passo rumo à concretização do desejo de construir um grande império português. Daí em diante, os portugueses continuaram com suas viagens, chegando a outros tantos lugares diferentes. Mas até fins do século XV, os portugueses não haviam conseguido chegar às Índias, o que era um dos principais objetivos de suas viagens. Somente no ano de 1498 é que finalmente uma expedição portuguesa, até então comandada por

Vasco da Gama, conseguiu chegar à cidade de Calicute, Índia, concretizando, assim, o sonho dos portugueses.

**Figura 6** – Grandes navegações e o descobrimento do Brasil



Fonte: Google Imagens (2022).<sup>8</sup>

Depois que Vasco da Gama retornou da expedição à Índia, o rei português Dom Manuel enviou uma outra expedição de volta para lá, com o objetivo de estabelecer relações comerciais com os indianos. Pedro Álvares Cabral, que, partindo de Lisboa, em março de 1500, acabou chegando, em 22 de abril do mesmo ano, em terras que eram até então desconhecidas dos portugueses e dos demais europeus. Cabral pediu então que Pero Vaz de Caminha escrevesse uma carta ao rei de Portugal, informando-o sobre o descobrimento da terra que passou a ser chamada de Vera Cruz.

<sup>8</sup> Disponível em:

[https://www.google.com/search?q=KOSHIBA%2C+L+%26+PEREIRA%2C+Denise+M.F.+Hist%C3%B3ria+do+Brasil.+S%C3%A3o+Paulo%3A+Atual%2C+1996%2C+p.17.&tbm=isch&ved=2ahUKewjc9tzV7\\_f7AhVJIZUCHaH5Bx8Q2-cCegQIABAA&oq=KOSHIBA%2C+L+%26+PEREIRA%2C+Denise+M.F.+Hist%C3%B3ria+do+Brasil.+S%C3%A3o+Paulo%3A+Atual%2C+1996%2C+p.17.&gs\\_lcp=CgNpbWcQAzoECCMQJzoHCCMQ6gIQJ1AAWNYSYNsbaAFwAHgEgAGmBIgBwQ-SAQkyLTMuMi4wLjGYAQCgAQGqAQotnd3Mtd2l6LWltZ7ABCsABAQ&scient=img&ei=bBuZY9yOKsmq1sQPofOf-AE&bih=635&biw=1366#imgsrc=D7Si\\_ELL9pYYFM&imgdii=irRpJiq9iVIBdM](https://www.google.com/search?q=KOSHIBA%2C+L+%26+PEREIRA%2C+Denise+M.F.+Hist%C3%B3ria+do+Brasil.+S%C3%A3o+Paulo%3A+Atual%2C+1996%2C+p.17.&tbm=isch&ved=2ahUKewjc9tzV7_f7AhVJIZUCHaH5Bx8Q2-cCegQIABAA&oq=KOSHIBA%2C+L+%26+PEREIRA%2C+Denise+M.F.+Hist%C3%B3ria+do+Brasil.+S%C3%A3o+Paulo%3A+Atual%2C+1996%2C+p.17.&gs_lcp=CgNpbWcQAzoECCMQJzoHCCMQ6gIQJ1AAWNYSYNsbaAFwAHgEgAGmBIgBwQ-SAQkyLTMuMi4wLjGYAQCgAQGqAQotnd3Mtd2l6LWltZ7ABCsABAQ&scient=img&ei=bBuZY9yOKsmq1sQPofOf-AE&bih=635&biw=1366#imgsrc=D7Si_ELL9pYYFM&imgdii=irRpJiq9iVIBdM). Acesso em: 13 dez. 2022.



**Figura 7** – Trecho da carta escrita por Pero Vaz de Caminha

“22 de abril, quarta-feira  
 [...] Nesse mesmo dia, na hora das vésperas, avistamos terra! Primeiramente um grande monte, muito alto e redondo; e depois, outras serras mais baixas ao sul ele; e terra chã, com grandes arvoredos. Ao monte alto o Capitão deu o nome de Monte Pascoal e à terra deu o nome de Terra de Vera Cruz.[...]”<sup>9</sup>

Fonte: *Google Imagens* (2022).<sup>9</sup>

Pedro Álvares Cabral permaneceu durante algumas semanas e foi nesse período que ele teve o primeiro contato com os habitantes que ali existia, os índios. Nesse período, os índios eram os povos dominantes, havia cerca de um milhão deles, com aproximadamente 350 línguas distintas. A comunicação entre as tribos era feita por intermédio de uma “[...] língua franca, ‘fácil, e elegante, e suave, e copiosa, a dificuldade está em ter muitas composições’” (RODRIGUES, 1983 *apud* ASSIS, 2011, p. 23).

Com a enorme variedade de língua que existia no país, somada a dificuldade de comunicação e inserção dos moldes do colonizador, tinham o tupi como língua principal. Assis destaca que:

Por considerarem que a variedade de línguas impedia a conversão, os jesuítas procuraram aprender o tupi, um tupi simplificado, despojado de seus traços fonológicos e gramaticais mais típicos, “para se adaptar à consciência linguística dos brancos” [...]. Essa língua foi estudada, fixada em catecismos, dicionários e gramáticas e institucionalizada como língua de contato entre colonizadores e índios. Surgiu então a expressão língua geral<sup>1</sup>, de base tupi que indicava a língua de uso mais extenso numa região, e mesmo usada por grupos falantes de outros idiomas, e que durante muito tempo viveu lado a lado com a língua portuguesa. O tupi era utilizado pelos bandeirantes pelas famílias de portugueses e índios. A língua geral predominava, sobretudo, em São Paulo e no Amazonas, enquanto na costa, ensinado nas escolas, o português se impunha (ASSIS, 2011, p. 150).

Logo em seguida Cabral continuou sua viagem, que tinha por destino a Índia. A princípio, as terras descobertas, até então, não despertaram grande interesse por parte dos portugueses. O que delas se podia retirar de valioso era o pau-brasil, madeira da qual se extraía um pigmento vermelho usado para tingir tecidos. Para garantir a exploração dessa madeira, os portugueses estabeleceram algumas bastilhas na região e se aproximaram dos indígenas, a fim de que eles trabalhassem retirando a madeira, que depois era negociada. Os portugueses

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/asgrandesnavegacoeseodescobrimentodo brasil.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2022.

ofereciam aos índios em troca do pau-brasil, objetos que nem sempre tinham utilidade, nem muito menos valor. Mas os indígenas ficavam encantados, quando recebiam espelhos, colares, pentes, vasilhas, e muitos outros objetos que eles não conheciam e que os portugueses apresentaram para eles.

O interesse português pelas novas terras, até então “descobertas” por Cabral foi tornando-se maior a partir do momento que o comércio do Oriente já não estava mais sendo tão lucrativo, como era antes. Além disso, a constante presença de concorrentes, sobretudo, franceses, nas novas terras, alertou a coroa portuguesa para a necessidade de colonizá-las, e posteriormente tomarem posse. Um importante passo nesse sentido foi criação das Capitânicas Hereditárias, ou seja, o Brasil foi dividido em 15 grandes lotes de terras, e essa divisão de território feita com o objetivo de facilitar a administração. Eram doadas pelo governo português, visando a sua respectiva ocupação e conseqüentemente a sua organização, facilitando assim a administração do Brasil. Na figura a seguir, podemos observar no mapa como foi feita essa divisão.

**Figura 8 – Capitânicas Hereditárias**



Fonte: Google Imagens (2022).<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Disponível em:

[https://www.google.com/search?q=mapa+das+capitanias+heredit%C3%A1rias&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwj6LJ2hm5r5AhWku5UCHcxSAr8Q\\_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=635&dpr=1#imgrc=4OPYF3gXxHOFkM](https://www.google.com/search?q=mapa+das+capitanias+heredit%C3%A1rias&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwj6LJ2hm5r5AhWku5UCHcxSAr8Q_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=635&dpr=1#imgrc=4OPYF3gXxHOFkM). Acesso em: 25 jul. 2022.

As capitânicas hereditárias eram cedidas pelo governo português aos donatários, que eram pessoas de origem portuguesa e que possuíam títulos de nobreza, em geral eram indicados pelo rei. Ao tomar posse da capitania, os donatários tinham obrigação de proteger e evitar ataques de outros reinos.

Assim, a partir das viagens iniciadas no século XV, a América passou a fazer parte dos mapas europeus, bem como o restante dos lugares descobertos por eles, as rotas marítimas passaram a ser mais seguras e precisas, e os instrumentos de navegação aperfeiçoaram-se cada vez mais.

#### 4.1 BNCC E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Sabemos que a evolução da língua desde de sua origem, suas diversas formas de interação com outras línguas e suas transformações direcionaram os falantes de LP até o ponto atual da história que hoje nos encontramos. É notável também que, além dos professores em sala de aula que transmitem de forma direta seus conhecimentos em sala de aula, outros órgãos também se preocupam com a forma de como ocorre essa troca em sala de aula, é o caso da BNCC.

A BNCC (BRASIL, 2018) traz a ideia de que o conhecimento de gênero, sobre textos, linguagem, normas padrão e diferentes linguagens (semiose) deve ser mobilizado para desenvolver habilidades para ler, produzir e processar linguagem, que por sua vez é um serviço para expandir participação e práticas de vários campos da atividade humana. A missão do departamento de LP é, portanto, proporcionar aos alunos experiências que estimulem a ampliação da alfabetização para que possam participar de forma significativa e crítica das diversas práticas sociais constituídas pela oralidade, escrita e outras línguas.

Orientar e direcionar as boas práticas no ensino de LP exige atualmente um grande conhecimento e esforço do professor, principalmente em relação ao manuseio das novas tecnologias em sala de aula. A BNCC pontua essa questão com muita ênfase, e por isso queremos mostrar que essas ferramentas tecnológicas podem facilitar o nosso dia a dia para ensinar e mostrar aos nossos aprendizes a grande importância de conhecer nossas origens, nossas raízes e de como esse conhecimento sobre a história da LP influencia diretamente em como aprendemos a nossa língua.

As práticas linguísticas contemporâneas não são apenas sobre novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimídia, mas também sobre novas formas de criá-los, configurá-los, disponibilizá-los, copiá-los e comunicá-los. Novas ferramentas de

processamento de texto, áudio, imagem e vídeo tornam a produção e disponibilização de textos multissemióticos acessíveis a todos nas redes sociais e outros ambientes *online* (BRASIL, 2018).

Dessa maneira notamos que não há dúvida quanto a importância do ensino da história da LP, mas devemos buscar orientações que regulamentam e nos ajudam a passar esses conhecimentos de forma que desperte uma curiosidade e interesses mais aguçados de nossos alunos. Importante sempre deixarmos claro que sempre devemos mostrar que para alcançarmos conhecimentos mais sólidos e concisos, devemos conhecer nossa origem.

## 5 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Para análise do LD acerca de como é abordada a variação lexical na sala de aula, selecionamos o manual do aluno “se liga na língua” que tem como autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi (2020-2023) utilizado no 6º ano do ensino fundamental II. A escolha desse material, se deu pelo fato de o mesmo ter sido utilizado por mim durante a execução da disciplina de Estágio Comum Curricular Supervisionado II (regência). Foi nesse momento que despertou em mim o interesse em analisar a forma como vem sendo abordado o processo de variação linguística lexical neste livro.

O LD que escolhi, é composto por três linhas de estudo, sendo elas: literatura, produção de texto e linguagem. como podemos observar na figura abaixo.

**Figura 9** - Capa do Livro Didático



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2023).

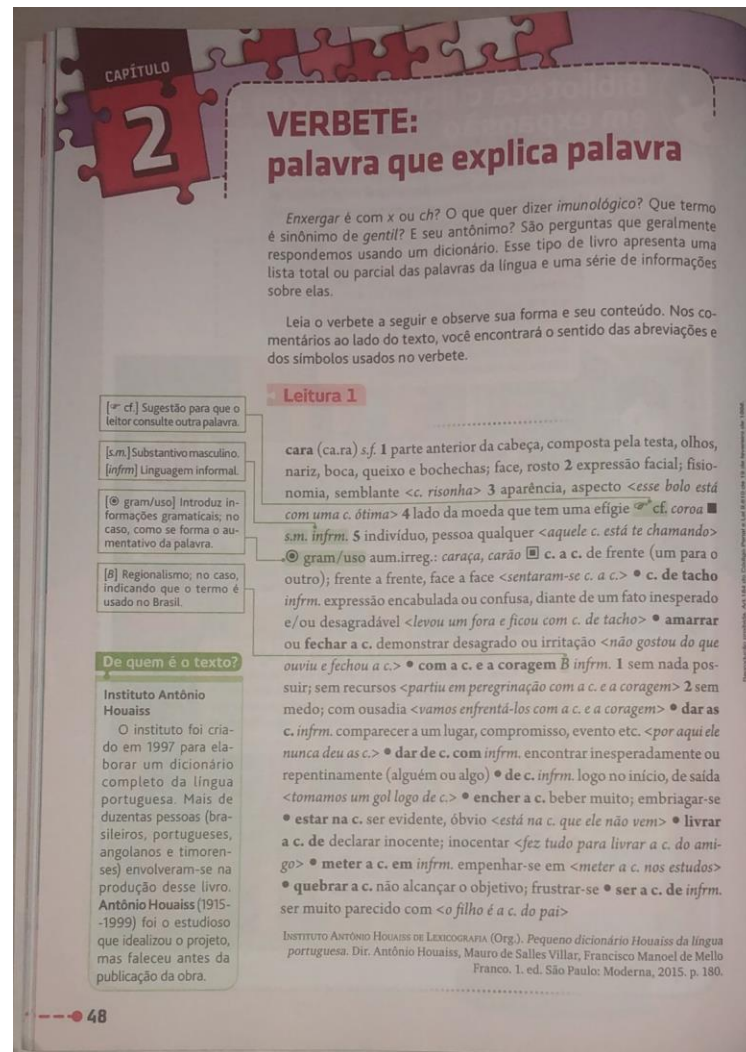
**Figura 10 – Sumário do Capítulo 2**

CAPÍTULO 2 – VERBETE: PALAVRA QUE EXPLICA PALAVRA				
Leitura 1	Leitura 2	Se eu quiser aprender mais	Meu verbete na prática	Textos em conversa
Verbetes "cara", do <i>Dicionário Houaiss</i> p. 48 Desvendando o texto p. 49 Como funciona um verbete? p. 50	Verbetes "sapato", da Wikipédia p. 52 Refletindo sobre o texto p. 55	Como dividir as frases p. 57	Momento de produzir p. 59 Momento de reescrever p. 60 Momento de apresentar p. 60	O gênero verbete e o poema "A estrela", de Ferreira Gullar p. 61
Transformando o verbete em <i>podcast</i>	Mais da língua	Isso eu já vi	Entre saberes	
Gravação de <i>podcast</i> p. 62	A língua varia p. 63 Preconceito linguístico p. 65	Grafia de palavras muito parecidas p. 71	Pesquisa, redação e postagem de novo verbete na Wikipédia p. 73	

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2023).

Organizado por capítulos, para a nossa análise vamos utilizar o de nº 2 (Figura 11), verbete: palavra que explica palavra, mais precisamente na página 63, que tem como título: a língua varia. Como podemos observar na figura acima.

Figura 11 – Verbete: Palavra que explica palavra



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2023, p. 48).

Destaco que o objetivo principal desse trabalho é analisar o capítulo 2, que tem como título: verbete: palavra que explica palavra, com foco na página 63, onde os autores abordam o tema da variação linguística lexical. Como podemos observar na imagem acima, eles abordam o tema de forma resumida, deixando nos alunos enormes lacunas. A seguir, trarei na Figura 12, de forma detalhada, uma análise com os pontos relevantes para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos do 6º ano do ensino fundamental II.

Figura 12 – A língua varia

**Mais da língua**

## A língua varia

Como você estudou, os verbetes são textos que divulgam conhecimento e quase sempre sua linguagem é formal. Entretanto, podemos encontrar alguns verbetes e outros gêneros com esse mesmo objetivo que optam por uma linguagem mais descontraída, como alguns *podcasts* com conteúdo científico, por exemplo, que se comunicam com o público mais jovem.

A variação da linguagem será estudada na seção que começa agora.

**Pra começar**

Você já viu um anúncio publicitário de outro país? Acha que conseguiria ler um que tenha sido publicado em Moçambique, por exemplo? Tente fazer essa experiência. Os moçambicanos, assim como os brasileiros, falam a língua portuguesa.



Agora, responda a estas questões.

- 1 Esse anúncio faz parte de uma campanha que incentiva os moçambicanos a aproveitar o verão. Que elementos da imagem relacionam essa estação à sensação de bem-estar e descontração?
- 2 De que modo a sensação de calor, característica do verão, é representada na imagem? E no título da campanha "Verão Amarelo"?
- 3 Em "Malta reunida", que aparece em destaque, ocorre uma palavra que praticamente não é usada no Brasil. Você conseguiu deduzir seu sentido? Como fez isso?
- 4 Suponha que essa campanha também fosse veiculada no Brasil. Que adaptações você faria no texto para que ficasse de acordo com a linguagem que os brasileiros costumam usar? Reescreva as frases no caderno.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2023, p. 63).

Como podemos observar, nessa página do livro, os autores começam falando sobre a capacidade que a língua tem de variar, ressaltam ainda que Moçambique e Brasil têm em comum a LP como sendo língua oficial desses dois países, mas o que diferencia entre eles, é a forma de escrever adotada por cada um. Segundo Bagno (2013), toda a variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares. É errôneo classificar como erro a forma de escrita desses dois países, se observarmos as particularidades, tomando por base, os conhecimentos adquiridos sobre a variação linguística lexical ao longo de nossa formação.



**Figura 13 - Variedades linguísticas**

Certamente, um brasileiro tem mais facilidade para compreender esse anúncio do que teria um alemão ou um japonês. Entretanto, apesar de falarmos a mesma língua, percebemos que o português do Brasil e o de Moçambique diferem entre si pelas palavras usadas, pelo sentido que damos a elas, pela maneira como as pronunciamos (sotaque) e pela própria construção das frases.

Você reparou no pronome *tu* na frase "Isto e muito mais tu encontras no Verão Amarelo"? As propagandas dirigidas aos brasileiros costumam usar *você*, muito mais comum em nosso território. Essas formas diferentes de empregar a língua são chamadas de **variedades linguísticas**.

Moçambique é um país da África que, como o Brasil, também foi colonizado por Portugal. Todavia, nossos falares se diferenciaram porque, quando os portugueses chegaram lá e aqui, já havia outros povos nativos em ambos os territórios, e as línguas faladas por eles interagiram com o português, criando variações dele. Além disso, ao longo dos anos, ocorreram contatos com outras línguas, pela presença de estrangeiros ou pelos meios de comunicação, e elas também influenciaram o português local.

Essa diferença, no entanto, não ocorre apenas porque os falantes são de países diferentes. Mesmo dentro do território brasileiro podemos perceber variedades linguísticas motivadas por fatores diversos: as várias regiões, áreas urbanas e rurais, idade do falante, escolaridade, situações em que emprega a língua etc. Observe as particularidades da linguagem nas várias situações de comunicação que envolvem o personagem nas ilustrações a seguir.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2023, p. 64).

Nessa página, os autores falam sobre o uso da LP nesses dois países, mas chama a atenção do leitor para a forma como as palavras são utilizadas, o sentido que damos a elas e o sotaque de cada falante de acordo com a sua região. Se usarmos como exemplo a frase do anúncio da página 64, que diz: “Isto e muito mais tu encontras no verão amarelo”. Percebemos uma diferença de acordo com o uso do pronome na frase. No Brasil, costuma-se utilizar o pronome “você” nas campanhas e anúncios publicitários.

De acordo com o que foi abordado até agora, durante essa análise no livro base desta pesquisa, podemos observar que os autores tratam de forma superficial os tipos de variações existentes em nossa LP, bem como, o assunto é abordado de forma descontextualizada, se

tivesse usado exemplos e mecanismos de ensino para que esse assunto foi exposto para os alunos. O ensino teria sido mais eficiente e satisfatório para a aprendizagem dos alunos.

**Figura 14** – Variação linguística

A **variação linguística** é um fenômeno que ocorre em todas as línguas. A língua sofre mudanças conforme o tempo passa e em razão do contato com outras línguas. As particularidades de cada falante, como sua idade e nível de escolaridade, também fazem com que a língua não seja sempre a mesma. Além disso, a língua também é empregada de modo diferente em situações que exigem maior ou menor formalidade.

**Preconceito linguístico**

Leia este cartum do ilustrador paulista Roberto Kroll.

Roberto Kroll

VEJA QUE BELOS MOVIMENTOS ELÍPTICOS FAZEM ESSAS ONDAS, MEU CARO AMIGO! PEGÁ-LAS-EMOS NESTE INSTANTE OU MAIS TARDIAMENTE?

Abuse da língua

É muito comum reconhecermos particularidades na fala de moradores de outras regiões. Você conseguiria imitar um falante de uma região distante da sua? E um de sua própria região? Quando alguém imita uma pessoa de sua região, que palavras ou sotaque ele usa?

O humor da ilustração é criado pela inadequação de um dos personagens: ele se veste e fala de uma maneira que não é esperada para a ocasião. Sua linguagem muito formal contrasta com o espírito descontraído que caracteriza a prática do surfe.

Como você já viu, a língua apresenta variações. Todos falam diversas "línguas" dentro de sua língua, escolhendo a **variedade linguística mais adequada** para cada situação comunicativa.

Desde que começamos a falar, fomos naturalmente aprendendo as palavras e o contexto de seu uso, assim como as principais regras de seleção e combinação delas para formar frases em nossa língua. Fomos nos familiarizando também com as características dos vários gêneros. Por isso, conseguimos nos comunicar uns com os outros. Cabe à escola, entretanto, ampliar esse uso da linguagem, criando oportunidade para que conheçamos a fala e a escrita de maior prestígio social.

As variedades linguísticas empregadas pelas pessoas que usufruem de maior prestígio cultural e social são chamadas **variedades urbanas de prestígio**.

Você já ouviu falar de **norma-padrão**? Essa expressão identifica um modelo de uso da língua descrito nas gramáticas e nos dicionários. Ela é apenas uma referência, já que, no uso cotidiano da língua, ninguém segue rigorosamente todas as orientações gramaticais. Até mesmo os falantes das variedades urbanas de prestígio, que têm mais contato com essa norma, optam por outras construções em situações informais.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2023, p. 65).

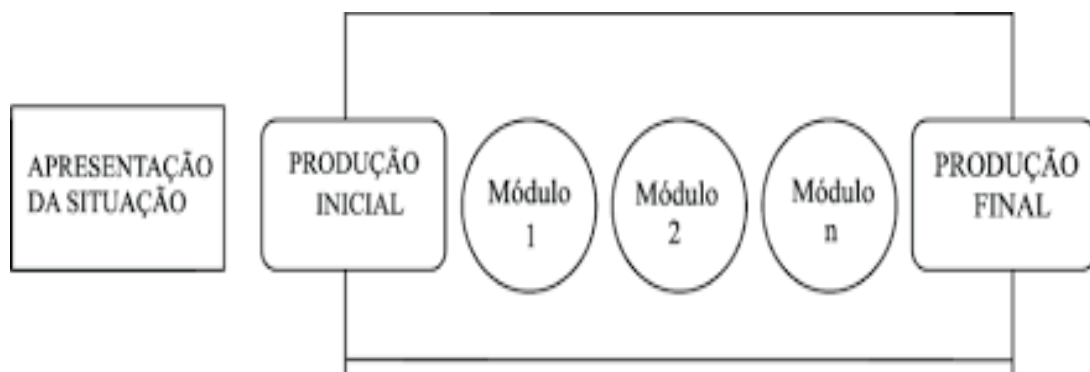
Como podemos observar na Figura 14, o próximo tópico já trata sobre o preconceito linguístico, assunto do qual não vamos trazer para a discussão nesse momento, e assim finalizo a análise proposta nesse trabalho, reafirmando a superficialidade com que o tema da variação linguística foi abordado neste livro, usado como material de pesquisa para a elaboração desse trabalho. Em muitas escolas da rede estadual e municipal o LD é o único material que os professores e os alunos têm para estudarem. Sabemos que a variação linguística é um tema extenso e muito importante de levarmos para a discussão em sala de aula, uma vez em que não tratamos o assunto com a importância que o estudo e o conhecimento exigem, isso faz com que o preconceito linguístico assuma sua posição causando transtornos àqueles que não entendem como que a língua varia de acordo com a região, com o grau de escolaridade e com o ambiente

ocupado pelo falante. Entender que no estudo da língua existem palavras que são escritas de forma diferente, mas que ambas possuem o mesmo significado, como é o caso da variação linguística lexical.

## 5.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A sequência didática é composta por atividades que têm por objetivo abordar o tema da variação linguística lexical, usando como exemplo, situações diárias que presenciamos e participamos nos mais diversos meios de interação entre falantes da LP. Ao apresentarmos o tema proposto para discussão, questionaremos os alunos, fazendo com que eles interajam e troquem conhecimentos entre eles.

**Figura 15** - Esquema de Sequência Didática



Fonte: *Google* Imagens (2022).<sup>11</sup>

Sobre o ensino através dos gêneros, Schneuwly e Dolz (2004), consideram o gênero como um mega instrumento para a aprendizagem dos discursos orais e escritos. Mega instrumento no sentido de que um gênero não é só um instrumento de uso da língua em si mesmo, como também traz dentro de si instrumentos menores: aspectos estruturais, formas gramaticais, *etc.*

<sup>11</sup> Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=esquema+de+sequencia+didatica+dolz+e+schneuwly+2004>. Acesso em: 19 jul. 2022.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA

**Tema:** o ensino da variação linguística lexical a partir da leitura de texto

**Turma:** 6º ano do ensino fundamental

**Apresentação:** O texto escolhido para discussão em sala de aula, têm o objetivo de fazer com que os alunos notem no momento da leitura que existem palavras que já não são utilizadas com frequência no nosso dia a dia, mas que, mesmo elas tendo caído em desuso, não dificultam a leitura e nem comprometem a compreensão do texto.

**Tempo estimado:** 12 horas/aulas

**Objetivo geral:** discutir a variação do léxico da língua portuguesa, a partir das palavras utilizadas no texto.

### Objetivos específicos

- Discutir sobre a origem da língua portuguesa;
- Questionar sobre o que eles entendem sobre variação linguística;
- Quais as palavras que causaram estranhamento durante a leitura;
- Questionar se eles já haviam escutado alguma palavra usada no texto por algum parente ou amigo em algum momento de fala;
- Pedir para que cada aluno identifique no texto, palavras que eles consideram fora de uso.

### Conteúdos:

- História da língua latina;
- Origem da língua portuguesa;
- Variação linguística.

**Metodologia:** A sequência didática será apresentada em (5) módulos, com aulas expositivas e dialogadas com participação dos alunos.

### Recursos didáticos

- *Datashow*;
- *Notebook*;
- Material impresso;
- Apresentação em *slides*;
- Quadro negro;
- Pincel e
- Esponja.

**Avaliação:** a avaliação será feita de acordo com a participação dos alunos durante as aulas expositivas e dialogadas, somando essa nota com a apresentação do seminário, após o professor finalizar o assunto proposto.

#### **Modulo I: Apresentação do assunto – 1hora/aula.**

1. Nesse momento o professor distribuirá o texto, após a entrega, recomendará que todos façam uma leitura silenciosa. Após a leitura, o professor fará a leitura do texto novamente para a turma, solicitará que eles citem palavras existentes no texto, mas que eles desconhecem ou nunca usaram no seu discurso. O professor os questionará sobre o que eles entendem sobre variação linguística lexical. Em seguida o professor, fará uma breve introdução sobre os tipos de variações existentes na língua, usando palavras do texto como exemplo.

#### **Modulo II: História da língua latina – 2horas/aula.**

1. O professor começará a aula falando sobre a história da língua latina e suas contribuições para o português falado no Brasil. Em seguida, trará exemplos de expressões latinas existentes no nosso dia a dia, bem como sua finalidade. O professor de posse dos recursos didáticos disponíveis em sala de aula, fará uma apresentação de slides, cujo o objetivo, é debater sobre a história da língua latina, visto que é um assunto extenso e de muita importância. Antes, ele pede para que os alunos fiquem atentos. Após a apresentação, o professor complementar o assunto, sanando possíveis dúvidas e respondendo questionamentos feitos pelos alunos. Em seguida, o professor passará uma atividade para que eles façam em casa de forma individual.

**Modulo III: correção e origem da língua portuguesa – 2horas/aula.**

1. O professor começará a aula dando visto na atividade proposta na aula anterior, em seguida fará a correção das questões com a turma.
2. Nesse segundo momento da aula, o professor pedirá que os alunos abram o livro didático de língua portuguesa no capítulo que trata sobre a surgimento da língua portuguesa, em seguida, ele escreverá no quadro negro, os pontos abordados no capítulo, para que dessa forma, facilite a compreensão do assunto por parte dos alunos.

**Modulo IV: variação linguística – 2horas/aulas**

1. O professor abordará e explicará os tipos de variações existentes em nossa língua, assim como, a importância de adquirir esse conhecimento no nosso dia a dia e nas mais diversas formas de comunicação entre falantes.
2. Nesse segundo momento, o professor pedirá que os alunos formem duplas, e distribuirá os assuntos abordados nas aulas anteriores e solicitará que eles elaborem um seminário que serão atribuídas notas ao final de cada apresentação.

**Modulo V: Apresentação de seminários- 5horas/aulas**

1. A turma é composta por 20 alunos, que foram divididos em duplas. Cada dupla, terá 30 min. para fazerem a sua exposição, ao final de cada apresentação, o professor fará sua avaliação de acordo com o assunto que foi apresentado, e complementará a exposição, caso seja necessário.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender sobre o processo de evolução da língua, desde o latim, até os dias atuais é muito importante para que possamos adquirir um maior entendimento sobre o processo de variação da nossa língua, visto que, o português, nossa língua oficial, foi construída por meio das variedades lexicais que ocorreram no percurso histórico de formação da LP. Na análise feita no LD do 6º ano do ensino fundamental II, eu pude constatar que o estudo da variação linguística, sob a ótica lexical, precisa ser elaborado e desenvolvido de modo que possa atender as exigências feitas através dos documentos oficiais norteadores do ensino de LP e também pela necessidade de comunicação social.

Diante dessa constatação, essa pesquisa sugere aliar o estudo da variação linguística ao processo sociolinguístico evolutivo da LP, pelo viés lexical da língua, por meio de uma intervenção didática, que possa sanar de vez a ideia de “certo” ou “errado” que ainda predomina nos dias atuais.

Assim, espero que essa pesquisa possa servir como suporte teórico e metodológico para que os professores de LP, de posse desse material, possam desenvolver uma pedagogia, que lhes proporcione trabalhar a variação linguística, por meio do léxico e pelo viés sociolinguístico em sala de aula, atendendo assim, as necessidades de comunicação entre os seus falantes. Ela permitiu ainda que os professores de LP e os seus respectivos alunos possam compreender que o que existe no estudo da variação lexical é um processo evolutivo e natural da língua.

Possibilitar o conhecimento da variedade lexical de nossa língua e entender que ela sempre fez parte de nossa sociedade, desde os primórdios até os dias atuais e que a nossa língua não é morta, ela é viva e está sempre se evoluindo para melhor se adequar as necessidades de seus usuários.

Destaco que essa pesquisa não descarta outras possibilidades de se trabalhar a variação lexical no âmbito educacional.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem; MARTIN, Vima Lia. **Língua portuguesa**. Roberta Hernandez Alves, Vima Lia Martin, 2010.

ASSIS, Maria. Cristina de. **História da Língua Portuguesa**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011. Disponível em: [http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/historia\\_da\\_lingua\\_portuguesa\\_1360184313.pdf](http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/historia_da_lingua_portuguesa_1360184313.pdf). Acesso em: 02 nov. 2022.

BOAS, Cristiane Max Serra Vilas; HUNHOFF, Elizete Dall'Comune. Um estudo sobre a origem da língua portuguesa: do latim à contemporaneidade, contexto poético e social. **Revista Moinhos**, n. 4, p. 108-126, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

FINARDI, Eliane Doege. Variação linguística: preconceito linguístico. **Pedagogia ao Pé da Letra**, 2013. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/variacao-linguistica-preconceito-linguistico/>. Acesso em: 19 jul. 2022.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu; BASSO, Renato Miguel. **História da língua**. Florianópolis: USC, 2010.

GUIMARÃES, Eduardo. A língua portuguesa no Brasil. **Ciência e Cultura**, v. 57, n. 2, p. 24-28, 2005. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&%20pid=S0009-67252005000200015&lng=pt&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&%20pid=S0009-67252005000200015&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29 jan. 2023.

KOCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia da pesquisa**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise Manzi Frayse. História do Brasil. São Paulo: Atual, 1996. FURLAN, Mauri. **Língua latina I** / Mauri Furlan, Zilma Gesser Nunes, Fernando Coelho. 2. ed. – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=Mapa+%E2%80%93+O+Imp%C3%A9rio+Romano:+as+conquistas+de+Ot%C3%A1vio+Augusto.&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKEwj1jd2a5Jb4AhUEBbkGHXxVDO4Q\\_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=635&dpr=1#imgrc=MojEw3QZFaaW9M](https://www.google.com/search?q=Mapa+%E2%80%93+O+Imp%C3%A9rio+Romano:+as+conquistas+de+Ot%C3%A1vio+Augusto.&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKEwj1jd2a5Jb4AhUEBbkGHXxVDO4Q_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=635&dpr=1#imgrc=MojEw3QZFaaW9M). Acesso em: 05 jun. 2022.

ORMUNDO, Wilton. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem**. In.: Wilton Ormundo, Cristiane Siniscalchi (org.). São Paulo: Moderna, 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2022.



SALCES, Claudia Dourado de. **História da língua portuguesa**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2016.

SARMENTO, Leila Lauar. **Português: literatura, gramática, produção de texto**. In.: Leila Lauar Sarmiento, Douglas Tufano (org.). São Paulo: Moderna, 2004.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Trad. de Celso Cunha. 6. ed. Portuguesa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1994. Disponível em: <https://www.historiaeatividades.com.br/2020/10/capitanias-hereditarias-conteudo-e-atividades-para-o-5-ano-do-ensino-fundamental.html>. Acesso em: 25 jul. 2022.